



BOLETIM DA CAPELANIA

Abril de 2014



Paixão

Na Semana Santa, a liturgia da Igreja recorda a paixão e morte de Jesus Cristo. Apesar de não ser um relato inédito para nenhum cristão, impressiona sempre essa tão viva recordação de um facto acontecido há cerca de dois mil anos, mas sempre presente.

Na realidade, a crueldade do suplício infligido ao Crucificado a todos incomoda e interpela. Por isso, não estranha a indignada reacção de Pedro ao primeiro anúncio da paixão do seu Mestre e Senhor. Nessa ocasião, Jesus não lhe reprovou a falta de sabedoria humana, mas a sua insuficiente compreensão das coisas de Deus (Mt 16, 21-23).

Não obstante tão grande sofrimento, não é esse o centro para onde converge a liturgia da Igreja no tríduo pascal. Não é à dor que se presta homenagem na paixão do Senhor, na sexta-feira da prostração inicial dos celebrantes, no eloquente introito da liturgia da Sexta Feira Santa. Não é a Cruz que se adora quando, genufletindo, se beija o madeiro.

Com efeito, a dor pela dor, nada vale. O maior sofrimento pode ser vazio de sentido e de valor. Até o sacrifício da própria vida pode ser, em termos religiosos, irrelevante (1Cor 13, 3).

Nada vale se não for por amor e ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos (Jo 15, 13). Os fiéis são convidados a prostrarem-se diante da Cruz, não para adorarem o sofrimento de Jesus, mas o seu amor que, sendo universal, é também individual. Paulo tinha consciência de ser pessoalmente destinatário desse amor infinito do Deus humanado, «que me amou e se entregou por mim» (Gal 2, 20).

Jesus, «tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao extremo» (Jo 13, 1). É o amor de Cristo que a Igreja celebra neste tempo, um amor que é, verdadeiramente, paixão.

Pe. Gonçalo Portocarrero de Almada